



PORTUGUESE B – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Thursday 8 May 2003 (afternoon)
Jeudi 8 mai 2003 (après-midi)
Jueves 8 de mayo de 2003 (tarde)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1 (Text handling).
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir ce livret avant d’y être autorisé.
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l’épreuve 1 (Lecture interactive).
- Répondre à toutes les questions dans le livret de questions et réponses.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos requeridos para la Prueba 1 (Manejo y comprensión de textos).
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

As aventuras de Ngunga

A viagem de Ngunga com o Comandante Mavinga durou quatro dias. Podia ser feita em dois, mas o Comandante parava em todos os kimbos¹. Reunia o povo, discutia com ele sobre a guerra e as tarefas a realizar. Em toda a parte eram bem recebidos. A fama de Mavinga corria pelos povos, os seus sucessos militares eram conhecidos de todos.

5 Ngunga sentia-se importante com o interesse das crianças. Outro qualquer aproveitaria para mentir, para contar histórias em que fosse um herói. Não Ngunga. A vida ensinara-lhe a modéstia. Aquilo que ele conhecia era ainda tão pouco! Os homens falavam de coisas novas que ele não percebia. Havia sempre
10 alguém que lhe ensinava qualquer coisa. Se ele não tinha medo da noite e por isso lhe diziam que era corajoso, havia outros que não tinham medo de injeções, por exemplo. O pequeno Ngunga sabia do que era capaz e do que não era capaz. Sabia também que não era capaz de fazer muitas coisas. Por isso não era vaidoso.

15 Respondia simplesmente às perguntas dos novos amigos. Não, ainda não tinha combatido. Uma vez atacaram o kimbo onde estava, e ele fugiu com os outros. Outra vez, no rio, apareceu o inimigo. Ele escondeu-se no capim da margem. Mas, combater mesmo, não, ainda não combatera. A Zâmbia? Não chegara até lá. Estivera perto, isso sim. Um dia haveria de ir. Os carros? Antes havia muitos que passavam na estrada. Mas, com as emboscadas, deixaram de
20 passar. Ele ainda era pequeno, já não se lembrava. Vira um abandonado na estrada entre Muié e Kangombe, destruçado por uma mina, há pouco tempo.

As crianças acabavam por se desinteressar de Ngunga. Afinal era um menino [– 11 –] eles, não um herói à altura de Mavinga. Iam-se afastando, uma a uma, [– 12 –] para brincarem ou para observarem o Comandante. E Ngunga ficava só.
25 Encolhia os ombros. Aproximava-se [– 13 –] do comandante, para ouvir contar as suas aventuras, mil vezes ouvidas. Mas Mavinga não se cansava de as repetir. Ficava contente, orgulhoso, quando lia admiração [– 14 –] olhos dos que o escutavam. E Ngunga notou que a mesma história não era sempre contada da mesma maneira. De dia para dia, Mavinga aumentava um pouco ou o número de
30 inimigos mortos ou a dificuldade da operação. Os que iam com ele parecia que não reparavam.

Pepetela – *As aventuras de Ngunga*. Luanda

¹ Kimbo: povoado

TEXT0 B

Saudade que nos vem da alma

O fado é o fado e não há divisões a fazer. É a música que vem de dentro da alma portuguesa. Mesmo assim, há quem arrisque divisões entre o fado profissional e o fado amador. O primeiro é o cantado por gente que faz da voz a sua forma de vida, gente de talento e de trabalho, que dá o melhor de si, elevando o prestígio da canção portuguesa além fronteiras. O segundo, o fado amador ou vadio, como é conhecido, tem outras características, embora a natureza saudosista seja a mesma. Nas casas de fado vadio, que agora voltam a respirar em Alfama e noutros bairros populares como o Bairro Alto, o fadista nunca é convidado... convida-se a si próprio.

Aqui não há um programa estabelecido. Come-se um chouriço assado, bebem-se uns copos, apaga-se a luz e solta-se a magia destes espaços. Quem quer canta, dando asas aos seus sentimentos.

O espírito de uma casa de fado vadio é necessariamente diferente do ambiente que se vive numa casa de fado profissional: aqui, cumpre-se um ritual com dignidade e cerimônia; ali, vive-se a festa das vontades e das sensações.

As origens do fado são ainda hoje uma incógnita, devido às várias e diversas opiniões que ainda perduram. Há quem diga que a canção de Lisboa surgiu por volta de 1840, a partir do “fado do marinheiro”, uma cantiga entoada à época pelos embarcadores portugueses, e que já reunia algumas das características essenciais que imortalizaram o fado. Fica assim quase evidente uma estreita relação entre o fado e os descobrimentos. A dor dos que ficavam a ver partir os seus entes queridos, sem saber se os voltariam a ver, pode ter sido o ponto de arranque para a canção dos sentimentos.

A palavra fado é originada do latim “*fatum*”, que significa destino. Diz-se que esta é a canção portuguesa, porque o modo de a cantar espelha, de certo modo, a crença no destino como algo que nos subjuga e ao qual não podemos escapar: o domínio da alma, o primado do coração sobre a razão, que levam ao desespero.

Todos os anos, Lisboa organiza em Fevereiro um festival onde o Fado é o anfitrião, o *Festival das Músicas dos Portos*. O que se pretende é criar um festival que celebre o encontro de culturas e expressões musicais idênticas ou afins, com origem em cidades portuárias, exprimindo os seus múltiplos universos de diversão, esquecimento, de saudade: o *fado* de Lisboa, o tango de Montevideu ou Buenos Aires, a *rumba* de Havana, a *rebetika* do Pireu e de Salónica, as *canções di maré* de Nápoles, expressões de *flamenco*, com relevo para as de Cádiz e de Huelva, além dos *blues* e do *cajun* de Nova Orleães.

Em *Lisboa step by step*, no. 14, inverno 2001.

TEXTO C

Para Maria da Graça

Agora que chegaste à idade avançada de 15 anos, Maria da Graça, eu te dou este livro: Alice no País das Maravilhas.

Este livro é doído, Maria. Isto é: o sentido dele está em ti.

5 *Escuta: se não descobrires um sentido na loucura acabarás louca. Aprende, pois, logo de saída para a grande vida, a ler este livro como um simples manual do sentido evidente de todas as coisas, inclusive as loucas. Aprende isso a teu modo, pois te dou apenas umas poucas chaves entre milhares que abrem as portas da realidade.*

A realidade, Maria, é louca.

10 *Não te espantes quando o mundo amanhecer irreconhecível. Para melhor ou pior, isso acontece muitas vezes por ano. “Quem sou eu no mundo?” Essa indagação perplexa é o lugar-comum de cada história de gente. Quantas vezes mais decifrares essa charada, tão entranhada em ti como os teus ossos, mais forte ficarás. Não importa qual seja a resposta.*

Maria, há uma sabedoria social ou de bolso; nem toda sabedoria tem de ser grave.

15 *Os homens vivem apostando corrida, Maria. Nos escritórios, nos negócios, na política, nacional e internacional, nos clubes, nos bares, nas artes, na literatura, até amigos, até irmãos, até marido e mulher, até namorados, todos vivem apostando corrida. São competições tão confusas, tão cheias de truques, tão desnecessárias, tão fingindo que não é, tão ridículas muitas vezes, por caminhos tão escondidos, que, quando os atletas chegam exaustos a um ponto, costumam perguntar: “A corrida terminou! Mas quem ganhou?” É bobice, Maria da Graça, disputar uma corrida se a gente não irá*
20 *saber quem venceu. Se tiveres de ir a algum lugar, não te preocupe a vaidade fatigante de ser a primeira a chegar. Se chegares sempre aonde quiseres, ganhaste.*

25 *Toda pessoa deve ter três caixas para guardar o humor: uma caixa grande para humor mais ou menos barato que a gente gasta na rua com os outros; uma caixa média para humor que a gente precisa ter quando está sozinho, para perdoares a ti mesma; por fim, uma caixinha preciosa, muito escondida, para as grandes ocasiões, os momentos perigosos em que estamos cheios de dor ou de vaidade, em que*
sofremos a tentação de achar que fracassamos ou triunfamos, em que nos sentimos umas drogas ou muito bacanas. Cuidado, Maria, com as grandes ocasiões.

30 *Por fim, mais uma palavra de bolso: às vezes uma pessoa se abandona de tal modo ao sofrimento, com uma tal complacência, que tem medo de não poder sair de lá. A dor também tem o seu feitiço, e este se vira contra o enfeitado. Por isso Alice, depois de ter chorado um lago, pensava: “Agora serei castigada, afogando-me em minhas próprias lágrimas”.*

Conclusão: a própria dor deve ter a sua medida: É feio, é imodesto, é vão, é perigoso ultrapassar a fronteira de nossa dor, Maria da Graça.

(adaptação) Por Paulo Mendes Campos

TEXTO D

Fazer o bem. E BEM.

- ❶ Eles são referência no terceiro setor, objeto de estudos acadêmicos e sinônimo de inovação no auxílio ao tratamento de crianças hospitalizadas. Claro, são os Doutores da Alegria, artistas que fazem visitas periódicas a hospitais promovendo uma série de intervenções como “recolocação de miolo mole” e “transfusão de milkshake” na tentativa de levar magia e encantamento a crianças que convivem com uma rotina de dor e sofrimento. O projeto dos Doutores está completando 10 anos de atuação no Brasil, com cerca de 170 mil crianças visitadas. Hoje, são 25 artistas que percorrem nove hospitais. É, sem dúvida, um belíssimo trabalho, amplamente divulgado e reconhecido.
- ❷ A história começou em Nova York, onde o ator Wellington Nogueira integrava o *Clown Care Unit*, programa pioneiro do gênero, criado pelo ator Michael Christensen, em 1986. O termo *clown* significa “palhaço” na tradução ao pé da letra, mas sua dimensão artística é algo maior. Designa artistas completos, que dominam técnicas de teatro, dança, ilusionismo e música.
- ❸ Apesar da demanda, o trabalho de convencimento aqui no Brasil não chegou a ser um sucesso de crítica: “Havia um desconhecimento quanto à necessidade de melhorar a qualidade de vida para os internados e seus acompanhantes e como isso afetaria positivamente o staff de médicos e enfermeiras”, recorda Wellington.
- ❹ Mesmo assim, Wellington ainda tinha confiança na proposta e resolveu alterar o roteiro. “Eu sabia de todas as etapas para implantar esse projeto e para isso ser cumprido eu teria de brigar. Não era essa a minha intenção. É questão de o hospital acreditar e abrir as portas.”
- ❺ O próximo passo foi encontrar uma atriz para formar uma dupla. Até hoje, os doutores se apresentam em casais, para ter as figuras feminina e masculina e ver com qual delas a criança se relaciona melhor.
- ❻ Os primeiros resultados já apareciam, mas a expansão do projeto ainda se deparava com a barreira cultural. “Há dez anos, no Brasil, a cultura da doação era vista de uma maneira muito assistencialista e, desde o começo, fiz questão de mostrar que esse trabalho não era caridade, com palhacinho que anima festinha de criança. Era um trabalho artístico com fundamento, método e objetivos”, relata Wellington. A saída veio pela Lei de Incentivo à Cultura. “O patrocínio, na época, foi a única forma de viabilizar o projeto.”
- ❼ Nos últimos cinco anos, o desafio do fundador dos Doutores tem sido encontrar outras formas de captação de recursos além do patrocínio. Foi criada a Central de Mantenedores, o grupo passou a fazer palestras para empresas e workshops para profissionais da saúde, além da venda de camisetas e do livro *Soluções de Palhaços – Transformações na Realidade Hospitalar*, da psicóloga Morgana Masetti, que acompanha o grupo há oito anos.
- ❽ Que lições são extraídas de anos de hospital, convivendo com situações em que a vida muitas vezes se encontra no limite? “O convívio com crianças com câncer me ensinou a valorizar o presente e que o tempo é algo muito valioso. A maior parte das pessoas tem uma agenda complicadíssima e, de repente, a única coisa que construiu foi um dia de trabalho, em vez de um dia de vida”, observa Wellington.

Por Paulo Jebaili